

ORIENTE MÉDIO

O risco do fim do cessar-fogo ocorre no momento em que três reféns israelenses, que estavam sob poder do Hamas, são libertados e 369 prisioneiros palestinos deixam as celas. A segunda fase das negociações da trégua nem começou

Israel ameaça Gaza com "planos de ataques"

No mesmo dia em que três reféns israelenses, mantidos sob poder do Hamas, e 369 presos palestinos são libertados, o governo de Israel sinaliza que prepara "planos de ataques" à Faixa de Gaza, encerrando o cessar-fogo. A ameaça ao fim da trégua é constante. O risco da retomada dos conflitos foi indicado pelo chefe do Exército israelense, o general Herzi Halevi.

A indicação ocorre em meio à entrega do israelense-argentino Yair Horn, de 46 anos, de Sasha Trupanov, um russo-israelense de 29, e do americano-israelense Sagui Dekel-Chen, de 36. Eles foram recebidos pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) e participaram de uma verdadeira festa feita para eles com direito a palco, discursos e muita emoção.

Já os 369 prisioneiros palestinos foram colocados em ônibus e levados até a cidade de Ramallah, na Cisjordânia. A imprensa israelense, como o jornal *Haaretz*, publicou fotos dos palestinos usando camisetas, com uma frase escrita em hebraico, nas costas: "Nunca perdoaremos, nunca esqueceremos". Essa é sexta libertação mútua da primeira fase do acordo de cessar-fogo de Gaza.

O Hamas condenou esses fatos, qualificados como um ato "racista" e afirmou que se trata de "uma violação flagrante do direito internacional humanitário". A Cruz Vermelha pediu aos dois lados que façam mais para respeitar a "dignidade" dos libertados.

Amir Abu Radaha passou 32 anos preso em Israel sob a acusação de homicídio voluntário e participação em uma organização ilegal. "Nasci de novo", afirmou ele. Ibrahim, que retornou a Gaza após ser libertado de uma prisão israelense. "É a maior prisão do mundo."



Sagui Dekel-Chen abraça a mulher Avital que deixou grávida quando foi sequestrado



Palestino é recebido por amigos e parentes no sul de Gaza

Conflitos

Os três israelenses libertados — Horn, Trupanov e Dekel-Chen foram sequestrados no kibutz Nir Oz durante o ataque surpresa do Hamas, em 7 de outubro de 2023, que desencadeou a guerra. A ação deixou 1.211 mortos, segundo um balanço da AFP com base em dados israelenses. De acordo com as autoridades de Israel, o Hamas sequestrou 251 pessoas, das quais 70 seguem em Gaza. Porém, há a suspeita de que 35 foram mortos

A ofensiva israelense em represália em Gaza devastou o território e deixou pelo menos 48.264 mortos, segundo dados do Ministério da Saúde do governo do Hamas. Meses de negociações com a mediação de Catar, Egito e Estados Unidos

Refém descobre nome da filha caçula

Entre lágrimas e abraços, Sagui Dekel-Chen, 36 anos, recém-libertado após quase 500 dias em cativeiro em Gaza, soube ontem o nome de filha caçula: *Shahar Mazal cuja tradução livre é "abençoada ao amanhecer". A criança nasceu dois meses depois de ele ter sido sequestrado pelo Hamas, em outubro de 2023.*

Em um vídeo publicado do Exército de Israel (IDF), Sagui e a mulher Avital se abraçam e ela conta sobre a filha e o nome escolhido. "É perfeito", respondeu, emocionado. O casal se reencontrou em uma base militar no sul de Israel.

"Nosso Sagui está em casa. Um amigo, filho, companheiro e, o mais importante, um pai, retornou", disse a família de Dekel-Chen em um comunicado compartilhado pelo fórum de famílias de reféns. O texto diz ainda que a família segue em campanha "até que o último refém retorne para casa".

Também foram levados para a base militar junto com Sagui, os outros dois reféns, o russo-israelense Sasha Trupanov, 29 anos, e o israelense-argentino Yair Horn, 46 anos, também libertados ontem.

resultaram em um acordo de trégua, que entrou em vigor em 19 de janeiro e pôs fim a 15 meses de combates.

Para o Hamas, os Estados Unidos devem "obrigar" Israel a

respeitar as condições da trégua. Já foram libertados 24 reféns, inclusive, cinco tailandeses. Do lado palestino, foram 1.134 prisioneiros livres. A continuação do acordo, no entanto, é incerto

porque as negociações sobre a implementação da segunda etapa ainda não começaram. Os representantes dos países mediadores esperam começar na próxima semana, em Doha, no Catar.

Essa segunda etapa deve permitir o retorno de todos os reféns e o fim definitivo da guerra. A terceira e última será dedicada à reconstrução da Faixa de Gaza. A Organização das Nações Unidas (ONU) calcula que serão necessários mais de US\$ 53 bilhões (R\$ 303,5 bilhões, na cotação atual). O futuro desse território é motivo de controvérsia depois que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, demonstrou a intenção de controlar a região e deslocar a população para o Egito e a Jordânia. Segundo ele, o objetivo é transformar a área em destino turístico, como a Riviera francesa — ou Costa Azul (Côte d'Azur), uma região do sul da França banhada pelo Mar Mediterrâneo, um dos passeios mais requintados e caros do mundo.

RÚSSIA X UCRÂNIA

Macron quer manter europeus no acordo

O presidente da França, Emmanuel Macron, convocou uma reunião de dirigentes europeus em Paris para amanhã, após o fracasso da tentativa de encerrar a guerra entre Rússia e Ucrânia conduzida pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. O receio de Macron é que a posição do norte-americano afaste os aliados das negociações. Antecipando o encontro, a chefe da diplomacia da União Europeia, Kaja Kallas, convocou para hoje um encontro de ministros de Relações Exteriores do bloco presentes em Munique.

A iniciativa ocorre no momento em que o presidente da ucraniano, Volodimir Zelenski, vetou por falta de "garantias de segurança" o acordo apresentado por Trump. Nele, os Estados Unidos teriam acesso livre aos recursos minerais estratégicos em território ucraniano.

"Não autorizei os ministros assinarem porque não está pronto. Na minha opinião, não nos protege", disse o ucraniano durante a Conferência de Segurança de Munique. Horas depois, cobrou dos europeus o envio de um Exército para enfrentar a Rússia: "Acredito realmente que chegou o momento de criar as forças armadas da Europa".



Presidente francês teme exclusão e marca reunião emergencial

Rússia e Ucrânia caminham para o terceiro ano em guerra. Neste período, mais de 12,3 mil civis foram mortos, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU). Há um temor sobre o aumento das vítimas com o crescimento no uso de drones e mísseis de longo alcance, além de bombas planadoras. O conflito foi desencadeado pela invasão russa ao território ucraniano, mas há também questões de geopolítica e culturais envolvidas.

Críticas

Com críticas constantes do envio de ajuda norte-americana para a Ucrânia desde o início da guerra com a Rússia, Trump mencionou o acesso aos recursos minerais ucranianos como condição para manter o apoio. Para o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, essa possibilidade permitiria "reembolsar" parcialmente a ajuda a Kiev. "Parte deste dinheiro será destinado a reembolsar o

contribuinte dos bilhões de dólares gastos ali", afirmou. Outra parte, segundo ele, será "reinvestida novamente na Ucrânia para reconstrução". Ontem ele e o chanceler russo, Serguei Lavrov, conversaram, por telefone, sobre uma eventual "cooperação" para resolver o conflito.

Diante da polêmica e do desconforto causados pelo governo dos Estados Unidos, Macron busca unir os europeus em torno de um possível acordo. Há quatro dias, Trump surpreendeu os europeus ao afirmar que tinha falado com o presidente russo, Vladimir Putin, e ordenou iniciar diálogos sobre a Ucrânia. O próprio presidente ucraniano reagiu a esse movimento. "Não podem tomar decisões sobre a Ucrânia sem a Ucrânia, assim como não podem tomar decisões sobre a Europa sem a Europa. A Europa tem que ter um assento na mesa" dos diálogos", insistiu Zelensky.

A guerra entre Rússia e Ucrânia foi um dos principais temas da Conferência de Segurança de Munique, que começou na sexta-feira. O ministro das Relações Exteriores da Polônia, Radoslaw Sikorski, mandou recado para Trump. "(Se Trump) quiser ganhar o prêmio Nobel, a paz deve ser justa", cobrou o diplomata.



Milionário com o filho e o presidente dos EUA na Casa Branca

Trump ironiza imprensa pela relação com Musk

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, defendeu ontem sua relação com Elon Musk em entrevista à rede de TV *Fox News*. Ele ironizou a imprensa que trata o milionário como "presidente Musk" por sua influência no governo. "Elon me ligou e disse: 'Sabe, eles estão tentando nos separar'. Eu disse: 'Absolutamente'", contou o presidente.

O presidente seguiu com a ironia. "Eles (os jornalistas) dizem: 'Notícia de última hora: Donald Trump entregou o controle da Presidência a Elon Musk'. O presidente

Musk participará de uma reunião de gabinete hoje à noite, às 20h", reagiu.

Musk está à frente do Departamento de Eficiência Governamental (Doge). Sob responsabilidade do empresário, foi lançado um amplo corte de gastos públicos, bastante criticado porque afeta diretamente o Estado.

Recentemente, a revista *Time* colocou Musk e Trump na capa, em uma montagem que o primeiro está posicionado atrás da mesa presidencial. "Estão tentando nos separar", afirmou Trump.